

Vivendo de Guitarra

Eduardo Ardanuy

Guitar Class - Vamos começar falando sobre como surgiu o seu interesse pela música...

Eduardo - Minha família sempre foi muito musical. Minha mãe era cantora profissional, assim como minhas irmãs. Desde pequeno tive aulas de piano com uma tia que era professora e nossa vizinha. Esse período não durou muito - eu só tinha 8, 9 anos de idade, e achava aquilo chato demais. Aos 10 anos troquei o piano pelo violão, mas também enjoei rápido pois o repertório era muito careta. Naquela época, nos anos 70, eu ligava a televisão e via Led Zeppelin, Deep Purple, Jimi Hendrix. E ela me ensinava *Parabéns Pra Você* (risos). Meu primo, filho dela, foi professor de bateria do meu irmão mais velho, o Átila, que fez o curso inteiro com ele. Meu interesse começou quando eu ia assistir aos ensaios da banda que meu irmão tinha montado. Depois de um tempo, ele trocou a bateria pela guitarra e tocava alto pra burro. Comecei a achar aquilo muito legal. Passei anos tocando só com o meu violãozinho e, quando meu irmão não tocava, eu pegava a guitarra e ficava "arranhando". Descobri quase tudo sozinho, ouvindo discos e aprendendo alguns toques com meu irmão. Um dia um amigo dele me ensinou a escala pentatônica e eu fiquei tocando em cima disso durante muito tempo. Eu nem usava palheta, tocava com os dedos. Tentava descobrir o tom e ficava improvisando em cima. Levei muito tempo para desenvolver o lance da palhetada.

Guitar Class - E você nunca teve aulas de guitarra com um professor?

Eduardo - Tive as aulinhas de violão, que não me trouxeram muita informação, a não ser aprender alguns acordes. Depois tive algum contato com leitura de piano, mas logo já tinha esquecido tudo. Até os 20 anos de idade, fui um autodidata na guitarra. Com o passar do tempo fui descobrindo caminhos para ter mais informação, como a revista *Guitar Player* americana. Nos anos 80 houve a febre da guitarra virtuosística, como Yngwie Malmsteen, e isso despertou ainda mais o interesse em aprimorar o meu jeito de tocar. Nessa época eu tinha um amigo chamado Theo Godinho, que me ajudou muito, pois ele era aluno do Michel Perie, que inclusive já fez a seção Vivendo de Guitarra desta revista. Com ele, tive noções sobre campo har-

mônico, como harmonizar sobre as escalas e como tocar a escala menor harmônica. Depois comecei a estudar a sério, mas nunca tive aulas particulares com um professor. O Theo, com as dicas e informações que me passou, não deixou de ser um professor, pois nunca somos 100% autodidatas.

Guitar Class - Você já chegou a trabalhar em outra área não relacionada à música?

Eduardo - Nunca, pois na época meus pais tinham uma situação financeira estável, que me permitia ficar tocando o dia inteiro. Quando eu tinha entre 16 e 20 anos, estudava uma média de dez horas por dia, mas na realidade passava muito tempo tocando bobagem, ou seja, eu ficava horas tocando, mas sempre na mesma escala em cima do mesmo disco, sem nenhuma direção. Por outro lado foi bom porque desenvolvi muito meu senso melódico, o ouvido, pois procurava prestar mais atenção à interpretação, à forma que determinado guitarrista tocava um bend ou um vibrato, do que tirar a música nota por nota. Nunca gostei de fazer isso. Eu me preocupava muito em tocar afinado, pois não tem nada pior do que um guitarrista desafinado.

Guitar Class - Hoje em dia como você encara a falta de tempo para estudar?

Eduardo - Apesar de não ter mais o mesmo tempo que eu tinha antes, consigo fazer com que o estudo tenha mais conteúdo. O que antes eu demorava dez horas para estudar, hoje levo apenas duas. Com o passar dos anos você consegue otimizar seu tempo para que o estudo renda mais. Mas todo esse tempo foi indispensável para mim, pois aprendi o principal, que é ter musicalidade, senso de melodia, bom gosto, sensibilidade, coisas que não se aprendem na escola. Hoje em dia, no IG&T, escola onde dou aula, mesmo tendo de cumprir o tempo de cada módulo, o que se exige do aluno muitas vezes não corresponde àquilo que se espera dentro daquele espaço de tempo. Muitos alunos, depois de estudar quatro anos, saem tocando muito menos do que o esperado. Acho que é o tempo que faz a gente amadurecer, e não a quantidade de informação.

Guitar Class - Quando você começou a tocar profissionalmente?

Eduardo - No final dos anos 80 comecei a tocar nos bares de São Paulo com uma banda cover de pop/rock chamada Este Lado Para Cima (risos). Era uma banda bem organizada, tinha empresário e tudo mais. A partir daí acho que as pessoas começaram a ouvir fa-

lar de mim, porque um dia recebi o convite do Beto, da Chave do Sol, para entrar na banda. Mas não fiquei muito tempo, pois já estava com um projeto em andamento com o meu irmão e o filho do cantor Sérgio Reis, que era a banda Anjos da Noite. O disco ia sair pela RCA, e o projeto era muito maior, então acabei indo pra lá. O Kiko Loureiro acabou entrando no meu lugar. Nesse meio tempo fiquei amigo do Andria e do Ivan Busic, que eram do Platina, e também conheci o Wander Taffo, tudo na época em foi inaugurado o primeiro IG&T.

Guitar Class - Você chegou a estudar lá?

Eduardo - Eu me matriculei porque era uma escola diferenciada, onde eles prometiam realizar workshops com vários guitarristas como Steve Morse, etc. Só que eu não me adaptei muito, pois tinha muita gente, uma média de 20 alunos por classe. O pior é que cada um era de um nível diferente e estavam todos na mesma turma. Talvez seja por isso que a escola não tenha dado certo. Aliás, o preço era bem mais alto do que o novo IG&T.

Guitar Class - Quem dava aulas no IG&T antigo?

Eduardo - Praticamente toda a turma do novo, o Wander Taffo, o Mozart Mello, o Faíska, o Wesley Caesar. Tive aulas com todos esses professores. As aulas eram uma espécie de workshop, cada semana era um guitarrista que falava sobre um determinado assunto. Foi a única escola em que estudei na minha vida, e durou apenas dois meses. Mas foi bom porque conheci o Wander, que me viu tocando e me chamou para participar do disco que ele estava gravando. Como ele estava precisando de um baixista e de um baterista, indiquei o Andria e o Ivan, e levei o Wander pra assistir a um show do Platina. Eles estavam tocando no antigo Woodstock Bar, em São Paulo, e acabaram se entrosando. No final das contas os três montaram a banda Taffo e eu acabei ficando de fora do projeto. Então, continuei no Anjos da Noite.

Guitar Class - Como surgiu o Dr. Sin?

Eduardo - Mesmo estando em bandas diferentes, eu, o Andria e o Ivan nos entrosávamos muito bem, e sempre fazíamos um som. Então eu os convidei para gravarem um disco instrumental, que era pra ser meu primeiro disco-solo, pela gravadora Devil Records, um selo pequeno da Galeria do Rock (centro de São Paulo). O disco foi gravado, mas não chegou a ser mixado e nunca foi lançado. Depois de um tempo comecei a perceber que o lance com o Anjos não ia rolar, pois começamos a ser rotulado de brega e naquela época não existia meio-termo, ou a banda era rock ou era pop, e

a gente ficava em cima do muro. O Marco Sérgio (vocalista) hoje está cantando muito, mas naquela época ele tinha apenas 17 anos, era um som errado na época errada. O Andria e o Ivan tiveram muitos conflitos com o Taffo e nós três começamos a fazer planos de montar uma banda. Eles passaram a acompanhar o Supla em alguns shows, na época do lançamento do disco *Encoleirado*. Quando acabou a turnê, nós gravamos a primeira demo do Dr. Sin, por volta de 1992. Fomos para Nova York tentar a sorte com a demo. Ficamos dois meses na casa de um amigo, tocamos em alguns bares e enviamos a fita para uma série de gravadoras, até que um dia o pessoal da Warner nos ligou marcando uma reunião. Voltamos para o Brasil e começamos a mixar o CD instrumental, mas a Warner não deixou. Eles não queriam que se lançasse nada antes da banda sair.

Guitar Class - E o que aconteceu com as músicas?

Eduardo - Os caras da Warner foram à Devil Records, compraram a fita master do Chicão e a engavetaram para sempre. Nunca mais vi a fita. Estava no contrato que eles iriam lançar na época que achassem interessante. Mas nunca lançaram nem me devolveram a master.

Guitar Class - Como é viver de música tocando numa banda de rock?

Eduardo - Apesar de estar na banda, nunca deixei de dar aulas. Toquei alguns projetos paralelos, como o Tritone, com o Sérgio Buss e o Frank Solari - é um trabalho que eu gosto muito, mas teve pouca divulgação. Praticamente não fizemos nenhum show, apesar do CD ter vendido

bem. Hoje em dia está cada vez mais difícil sobreviver tocando um rock que você gosta, e não um rock que a mídia está procurando. Quantos vocalistas iguais ao Pearl Jam não existem nos dias de hoje? Esse Creed aí é o Pearl Jam!

Guitar Class - Como surgiu a idéia de lançar o CD nas bancas de jornais?

Eduardo - Aquilo foi uma alternativa que tivemos, inspirada no Lobão, que deu

ria com alguma editora. Tendo a editora, você agiliza todo o processo de distribuição. Outro ponto indispensável é o espaço publicitário dentro da revista. Quem compra o CD sabe que a revista tem mais propaganda do que informações sobre a banda (risos). Mas aquilo é indispensável, pois o custo do produto é muito alto. Gravamos a voz e mixamos nos Estados Unidos. Custos de passagem, hotel, estúdio, prensagem de 30 mil cópias, tudo isso foi bancado pela banda e pelos patrocinadores. Todos entraram com uma cota, e não foi fácil fazer. Às vezes as pessoas acham que esse é o caminho certo. É um caminho, mas às vezes é tão difícil quanto os outros.

Guitar Class - No final das contas, você acha que todo esse sacrifício foi válido?

Eduardo - Eu acho que em alguns pontos foi bom e em outros foi ruim. A grana que conseguimos levantar só deu pra pagar a produção do disco e a prensagem das cópias. Não sobrou dinheiro para a divulgação, que acabou sendo feita basicamente pela editora, através das revistas que publicava. Mas por outro lado, nós recebíamos R\$ 6,00 por cada CD vendido, enquanto numa gravadora o artista recebe menos que R\$ 0,10. Vendendo 30 mil cópias, para ter o mesmo percentual numa gravadora, você teria de vender 1 milhão de discos. Essa é a diferença. Para nós, vender 30 mil cópias de forma independente é um sucesso, enquanto numa gravadora, com

essa quantia você está no olho da rua. Além disso, para o consumidor é muito melhor, pois o preço é mais baixo e a exposição na banca facilita muito. O cara vai até a padaria, vê o CD e acaba comprando. Muitas vezes o CD de rock é difícil de achar. Posso citar como exemplos



Jota Samiana

nossos discos antigos. O lojista não compra porque não somos uma banda popular, ele acha que vai encalhar. A gravadora muitas vezes não tem uma boa distribuição e não consegue empurrar o CD pra frente. No Brasil inteiro, se tiver em 30 lojas é muito. Quando lançamos nas bancas, depois de duas semanas já estava no Norte, Nordeste e Sul do Brasil. Em todo lugar que faço workshop, tem alguém com o CD pra autografar. Na realidade, uma banda não sobrevive só de CDs vendidos, ela ganha muito mais fazendo shows. E hoje, para entrar na mídia, você tem de ter dinheiro pra pagar o jabá. Muita gente tem medo de falar isso, mas eu quero que se exploda, pois não toco em rádio nem na TV. Sobre vivo de música e não tenho nenhum problema com isso. Num sistema independente não há verba pra pagar jabá. Agora, nenhuma banda estoura tocando num programa específico de rádio ou televisão. A banda estoura quando a música toca dez vezes por dia nas 20 melhores rádios do país inteiro durante seis meses. Então, pra quem está começando, não se iluda. Se você não tiver pelo menos R\$ 300 mil pra gastar na divulgação do seu primeiro CD, não vai chegar a lugar nenhum. A única forma de tornar-se popular é aparecer na mídia. O rádio representa 80%, e a TV, 20%. Não adianta fazer o contrário - se você aparecer dez vezes na TV e não tocar no rádio, no dia seguinte ninguém mais lembra da sua cara, pois aparecem mil caras todo dia na televisão. Mas se a sua música toca todos os dias nas melhores rádios, o povo pode não saber qual é a sua cara, mas vai ficar com a sua música na cabeça. Aí, quando aparece na TV, aquilo vai marcar para sempre o sujeito que conhece a sua música. Isso é inevitável, não importa o estilo ou a qualidade do som.

Guitar Class - Você é um músico reconhecido pelo estilo que toca, ao contrário de um sideman (músico que acompanha cantores), que é valorizado pela versatilidade. Como você compara essas duas situações?

Eduardo - Eu não me submeto a isso porque a minha forma de trabalho é mais rentável do que se estivesse trabalhando como sideman. Eu sempre me preocupei em fazer meu nome. Desde os 15 anos de idade eu quis ser reconhecido pelo que tocava, e não ser o músico mais versátil do mundo, que toca jazz, merengue, samba, de tudo um pouco, sem ser

fera em nenhum estilo. Eu preferi tocar um estilo e me sobressair nele, porque é o que eu mais gosto de tocar e de ouvir. Não tenho a menor pretensão em ser o cara mais versátil do mundo, porque a minha discografia não é assim. Meu negócio é rock and roll. Não estou preocupado em tocar axé ou jazz. Eu não sou uma caixinha de surpresas (risos).

Guitar Class - Você aconselharia as pessoas a seguirem o mesmo caminho que você seguiu, mesmo num país como o Brasil?

Eduardo - Hoje em dia as coisas acontecem tão rápido que eu não saberia dizer qual é o melhor caminho. O guitarrista mais antigo que a garotada de hoje conhece é o do Iron Maiden. Alguém com essa referência não vai tocar rock and roll nunca! Eles não sabem quem é Jeff Beck, não gostam de Ritchie Blackmore e acham Led Zeppelin um lixo. Esse pessoal devia vender a guitarra e comprar um cavaquinho ou um sampler. Se você não gosta de Jimi Hendrix, Jeff Beck, Deep Purple e Led Zeppelin e quer ser guitarrista de rock, está na profissão errada. Eu acho que a única direção certa é se preparar para ser um músico competente. Porque se você não ganhar dinheiro com a sua banda, vai ganhar dando aulas, será convidado para fazer workshops, para gravar trilhas de comerciais. Ser versátil - apesar de eu não ser o cara certo pra falar disso - também é importante, porque existem pessoas que não têm a menor paciência para dar aulas. Então preferem acompanhar artistas e estão lá, defendendo a sua grana, que, aliás, é muito boa. Se você está começando, não se iluda em ser um rock star. Isso é bilhete de loteria. Você pode ter o maior talento do mundo e passar a vida inteira no anonimato, assim como pode aprender a fazer três acordes - como acontece com a maioria das bandas que toca nas rádios -, sua estrela brilhar e você vender 1 milhão de cópias. Quando acontecer, vai ser legal. Só que o sucesso acaba. E quando ele acaba, se você não souber dar aulas, fazer workshops ou clínicas, meu amigo, sua carreira musical também acabou.

Guitar Class - Atualmente, quais são os projetos do Dr. Sin?

Eduardo - Vamos lançar um DVD no ano que vem 2003. Estamos editando as imagens de um show que fizemos no Sesc Ipiranga. Sem o Mike, com o Andria cantando novamente. Será um DVD legal para os fãs, porque vai reunir material de todos os CDs, inclusive do último, com o Andria cantando as músicas do Mike. E também estamos preparando

um novo disco, que será lançado depois do carnaval, de gravadora nova e com a maior parte do trabalho cantada em português.

Guitar Class - O que aconteceu com o Mike?

Eduardo - Ele sempre morou nos EUA e ficou apenas uma temporada aqui, na época do lançamento do último disco. Mike tem 4 filhos lá e um estúdio, que é a principal fonte de renda dele. Ele trabalha mais com produção e nós não somos uma banda que faz muitas turnês. O cachê da banda praticamente é o mesmo preço da passagem, US\$ 1.500. Tem de cobrar o dobro do cachê pra trazer o cara. Financeiramente é inviável. Mas ele sabe disso e somos muito amigos. Talvez um dia a gente se reúna novamente, quando tivermos um espaço maior pra tocar lá fora. Mas no momento a melhor opção é ter o mesmo vocalista de sempre.

Guitar Class - Além do Dr. Sin, quais são suas atividades?

Eduardo - Atualmente dou muitas aulas particulares, de segunda a quarta. Às quintas-feiras eu dou dez aulas seguidas no IG&T. Também faço muitos workshops, cobrando entre R\$ 500 e R\$ 1.000. Fazemos de um a dois shows por mês e, para uma banda que não está na mídia, até que conseguimos manter uma média de cachê. A banda toca pouco porque não abrimos mão do cachê que conseguimos atingir.

Guitar Class - Como funciona o esquema de endorment?

Eduardo - O esquema de endorment pode funcionar de várias formas: 1) você adquire o instrumento a preço de custo, 2) recebe o instrumento totalmente grátis ou 3) recebe o instrumento e mais uma grana mensal por estar divulgando a marca. Você não vira o Ayrton Senna com o bonezinho de um banco porque ele achava o banco legal. Quando o cara está na mídia e é formador de opinião, a empresa tem de pagar por isso, e paga caro. É óbvio que na música o endorment não está tão bacana assim. Mas dependendo do seu prestígio, dá pra pegar uma grana e ainda o instrumento que você quiser. No começo você pega o que pintar, mas isso vai melhorando com o tempo. Se você está no estágio de pagar pelo instrumento, e aparece um de graça, é lógico que você vai pegar, desde que seja um instrumento que dê para usar. No meu caso, tenho todos os instrumentos que quero, todos os amps, não preciso nada de graça. Quando chega nessa fase, tem de ter um advance em dinheiro. Por que eu vou me prender a uma marca? Porque ela é boa? Eu sei que ela é boa. O mundo inteiro sabe que ela

é boa. Mas posso usar mais dez marcas que eu tenho em casa. Se o cara quiser que eu use apenas aquela marca e que apareça na mídia exclusivamente com aquela marca, ele tem que dar o "plus". Isso é natural. O endossement vai progredindo. Quanto você acha que o Satriani recebe para usar Ibanez? Quanto o Steve Vai recebe para usar Ibanez? Uma grana preta!

Guitar Class - Qual é o seu set up atual?

Eduardo - Eu uso amplificadores Laney VC-50 e VH-100, que são o mesmo amp em duas versões - combo e cabeçote/caixa. Agora vou experimentar um novo modelo chamado TT50H, que o pessoal da Laney diz que é muito melhor. Há vários anos uso guitarras Tagima, modelos Strato e Telecaster, efeitos da Zoom, transmissores e microfones da AKG, cabos

Santo Ângelo e cordas NIG.

Guitar Class - Qual é a dica final para os leitores da Guitar Class?

Eduardo - Não se iluda com a fama e o estrelato, porque quando você entra no meio dos músicos, o bicho pega. Não estou falando de artistas. Não confunda artistas de rádio e de televisão com músicos, que é uma distância daqui até a Lua. Há artistas que são famosos no mundo inteiro e não sabem a diferença de um Ré maior para um Ré menor. No meio dos músicos mesmo só tem cobra criada. Então não vai achando que com quatro ou cinco acordes, quatro ou cinco covers você já é um artista. Porque no meio musical, fora dos holofotes e dentro dos bastidores, ninguém é bobo. Não vá pensando que com um ou dois anos de bagagem você será capaz de competir de igual pra

igual com um músico profissional. O mais bobo tem 20, 25 anos de estrada. Outra coisa importante é que não existe nenhuma revista ou manual que ensine como ser um guitarrista profissional. O cara simplesmente sabe quando é a hora de largar tudo e viver de música, pois é uma coisa que está dentro da pessoa, e ele vai descobrir que não tem nada melhor que saiba fazer na vida do que tocar. Não vai ser o pai, a mãe, a *Guitar Class* nem a Bíblia que vai dizer isso pra ele. Mas tem de ter bom senso. Não adianta tomar quatro ou cinco cachaças, achar que viu a luz e abandonar tudo (risos). Quando o cara tem talento, ele sabe. Ele não vai investir milhões de horas numa coisa que não acredita. Não importa se tem os pais contra. Meus pais sempre foram contra eu largar tudo pra viver de música, e hoje eu sustento todos eles... 🗨️

SHRED YOUR SKIN

Solo Eduardo Ardanuy

The musical score for "SHRED YOUR SKIN" Solo Eduardo Ardanuy is presented in four systems. Each system includes a treble clef staff with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. Below each staff is a guitar tablature with six lines labeled T, A, B from top to bottom. The first system (measures 1-5) features a melodic line with eighth and sixteenth notes, and a bass line with a similar rhythmic pattern. The second system (measures 6-10) continues the melodic and bass lines with more complex rhythmic patterns. The third system (measures 10-13) shows a continuation of the piece with some bends and vibrato. The fourth system (measures 13-16) concludes the solo with a final melodic phrase and a double bar line.

9

T
A
B

000 000 000 000 000 000 000 000 8 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 7 6 7 5 3 0

TRITONE

Riffs Eduardo Ardanuy

RIFF 1.

T
A
B

7 8 9 10 9 8 7 10 10 8 10 9 8 10 7 8 7 10

T
A
B

9 8 7 8 10 7 9 8 7 8 9 8 12 13 14 15 12 13 14 12 14 12 12 11 10 9 8 7

RIFF 2.

T
A
B

5 8 7 8 7 8 0 3 4 5 3 5 3 5 3 5 3 5 3 5 3 2 4 3 2 1 3 2 1 3 5

T
A
B

8 7 8 7 8 6 7 8 9 8 5 6 7 5 8 7 10 9 8 8 7

TRITONE (1° SOLO)

T
A
B

9 9 11 14 11 9 11 12 8 14 9 11 12 8 8 9 12 11

Vivendo de Guitarra
Eduardo Ardanuy

System 1: Treble clef staff with a key signature of three sharps (F#, C#, G#). The melody consists of eighth and quarter notes. The guitar TAB staff shows fret numbers: 8, 11, 11, 11, 9, 11, 11, 9, 11, 11, 9, 11, 7, 7, 9.

System 2: Treble clef staff with a key signature of three sharps. The melody continues with eighth and quarter notes. The guitar TAB staff shows fret numbers: 11, 9, 11, 9, 12, 12, 11, 9, 7, 14, 14, 10, 15, 13, 11, 13, 11.

System 3: Treble clef staff with a key signature of three sharps. The melody features eighth notes and quarter notes. The guitar TAB staff shows fret numbers: 11, 13, 11, 13, 13, 11, 13, 11, 13, 11, 13, 11, 9, 11, 9, 11, 9, 11.

System 4: Treble clef staff with a key signature of three sharps. The melody includes a trill. The guitar TAB staff shows fret numbers: 9, 11, 13, 11, 9, 11, 13, 11, 9, 12, 10, 13, 10, 10, 12, 9, 11, 13, 11, 9, 11, 9, 9, 11, 9, 8, 11, 9.

System 5: Treble clef staff with a key signature of three sharps. The melody consists of eighth and quarter notes. The guitar TAB staff shows fret numbers: 8, 11, 9, 11, 9, 11, 9, 9, 11, 9, 7, 9, 7, 7, 9, 7, 9, 11, 9, 11, 13, 11, 13.

The first system of music consists of two staves. The top staff is a treble clef staff with a key signature of three sharps (F#, C#, G#). It contains a melodic line with several notes, some of which are beamed together and have a '1' above them indicating a first finger. There are also some notes with a wavy line above them, possibly indicating a tremolo or a specific articulation. The bottom staff is a TAB staff with fret numbers 10, 10, and 19. The letters 'T', 'A', and 'B' are stacked vertically on the left side of the staff.

The second system of music also consists of two staves. The top staff is a treble clef staff with a key signature of three sharps. It contains a melodic line with many notes, some beamed together, and some with a '1' above them. There are also some notes with a wavy line above them. The bottom staff is a TAB staff with fret numbers: 10, (18), 14, 19, 14, 10, 15, 10, 15, 10, 14, 10, 14, 10, 14, 13, 14, 13, 14, 12, 13, 12, 14. The letters 'T', 'A', and 'B' are stacked vertically on the left side of the staff.